

A HIPERTEXTUALIDADE EM “AS MARGENS DA ALEGRIA E OS CIMOS” – DOIS CONTOS DE PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Cássia Jacqueline Fernandes oliveira*

RESUMO: O estudo dos mecanismos lingüísticos que referenciam espaços enunciativos é objetivo dessa pesquisa. Para isso, valeu-se dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, textos da coletânea de 21 contos de Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa.

Buscou-se evidenciar as operações cognitivas necessariamente envolvidas na implementação da discursivização, segundo Fauconnier & Turner (2002): Identificação, Integração, Imaginação.

Observou-se que os dois contos são como duas imagens superpostas, em cuja superposição se evidenciam diferenças e similaridades que configuram uma nova imagem. Nessa imagem integrada, surgem duas realidades discursivas: a de um Menino e a da construção da “grande cidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Processamento discursivo; Espaços Mentais; Instâncias de enunciação.

ABSTRACT: *The objective of this research is the study of linguistic mechanisms which to enunciative spaces. For that, the tales “As margens da alegria” and “Os cimos” and texts from the compilation of 21 tales from “Primeiras Estórias” by João Guimarães Rosa were used. The necessary cognitive operations involved were highlighted in the implementation of the discursivisation according to Fauconnier & Turner (2002): Identification, Integration, Imagination. It was observed that the tales are both like two overlapped images, in which differences and similarities are evident and these images represent a new one. Two discursive realities appear in this mixture of images: a boy’s and the building of the big city.*

KEY WORDS: *Speech Process; Construction of Meaning; Mental Spaces.*

Introdução

A operação de Discursivização ou a implementação do processamento discursivo se dá através da criação e articulação de Instâncias de Enunciação. Cada instância, vista como uma voz, institui alguém que fala em sua fala. Essa relação de alguém, um enunciador, com alguém,

* Cássia Jacqueline Fernandes Oliveira – Doutoranda da UFMG

um enunciatório, entidades lingüísticas instituídas num tempo/espço discursivos, estabelece o processo de Referenciação, de Semantização, ou seja, de produção de sentido. Nesse processo, cada Instância de Enunciação configura um espaço referencial, no qual os enunciados que a constituem são necessariamente interpretados no âmbito da relação enunciador/enunciatório referenciada. Nessa perspectiva, adoto a hipótese segundo a qual cada Instância de Enunciação delimita, constitui um espaço referencial em que uma “voz” se institui, configura-se, dizendo algo e manifestando-se, dizendo de si, no que diz: constituindo-se como sujeito de sua fala.

Cada “voz”, Instância de Enunciação, pode articular-se, recursivamente a outra voz, ou a outras vozes. Numerosos são os mecanismos léxico-sintático-discursivos pelos quais uma voz pode colocar em cena, no processamento discursivo, outras vozes.

Baseando-me nessas premissas pretendo trabalhar o primeiro e o último conto da coletânea de vinte e um textos de **Primeiras estórias**, de João Guimarães Rosa, demonstrando que as vozes que emergem nos contos estão cada uma referenciada em outra, estabelecendo uma espécie de rede, uma relação especular, no interior de cada conto e entre ambos.

A escolha dos dois contos “As margens da alegria” e “Os cimos” não se deu de maneira aleatória. Optou-se pelos referidos contos por acreditar que ambos funcionam de maneira especular; ou seja, tanto um quanto outro pode ser lido em pauta dupla.

Pensa-se, por suposição, que ao lermos os dois contos teremos uma visão global de ambos em que o todo conterà e estará contido em todas as partes.

Lima (1991: 500) refere-se aos contos mencionados dizendo que, após alguns anos de ausência das editoras, o escritor volta a seu público, com a publicação de “Primeiras estórias”. Para o crítico, Rosa procura, com um “olho englobador”, a realidade modificada da época, anunciando a mudança que surgira: Brasília. Sem causar alarde, Rosa faz “ver” estas mudanças, ao invés de simplesmente mostrá-las. Narra estórias em que o planalto se estende e aparece um menino de outra cidade que aprende com o mundo “maquinal” as duas primeiras lições: a alegria e o amor. Depois a morte de ambos: “*as primeiras estórias de um Brasil novo no começo do surgir. Assim a primeira e a última estória se enlaçam pelo lugar comum onde passam, “lugar onde se construía a grande cidade”, ali, “Nos altos vales da aurora” percorridos pelo mesmo menino a aprender os seus caminhos”*”.

Também Wisnik (2002) faz menção à obra de Rosa quando diz que Brasília é a primeira cidade, a única a furar o cerco mítico com o qual o escritor mineiro preservou o seu “sertão-mundo”, da interferência direta do mundo urbano. Nas pontas extremas do livro, a forma extrema e extrapolante do processo: a capital planejada, a cidade “a mais levantada no mundo”, erguendo-se do papel e derrubando o cerrado – a modernidade como avatar, ainda do sertão:

Na primeira estória (“As margens da alegria”) como na última (“Os cimos”), uma *brasília* não nomeada se constrói “derrubadora”, devassando e devastando, com o poder do “mundo maquinal”, a biodiversidade do cerrado, pontuada e mimetizada desde sempre pela própria exuberância poética da escritura rosiana. Numa obra que se eximira rigorosamente até então de qualquer aproximação explícita à cena urbana, a grande cidade planejada que inclui lago artificial e aeroporto, “a mais levantada no mundo”, emerge sem transição como cenário virtual aos olhos do Menino, visão mirífica no lugar onde o sertão se destrói e se transforma – miragem do Brasil moderno e Brasil moderno como miragem. (Idem, 2002:178)

Segundo Abdala Júnior (2002), os contos são uma resposta irônica de Guimarães Rosa, à construção da nova capital brasileira. Para o crítico, as bases históricas do projeto de Oscar Niemeyer vêm do urbanismo e da arquitetura coloniais, apropriadas pelo modernismo arquitetônico da época. A intenção que se tinha, naquele momento, era de atualizar, nas novas formas, perspectivas não elitistas, mas sim, populares. A arquitetura colonial, portanto, representou uma atualização da arquitetura portuguesa, segundo estudos de Lúcio Costa. Brasília seguiu também, essa linha de planejamento. Ela foi um modelo não apenas de cidade, mas de atitudes para o Brasil, visto como um país jovem, perseguindo obsessivamente toda novidade modernizadora. Foi um exemplo para as outras cidades e regiões do país.

O “cenário” dos dois contos é a cidade que vai sendo construída sob a perspectiva de um Menino que aparecerá no primeiro e últimos contos de “Primeiras Estórias”. Ao viajar de avião, o surgimento da cidade e sua modernidade vão sendo explorados sob o foco desse Menino que é o protagonista de ambas as estórias:

Um pequeno avião sobrevoa, nos finais dos anos 1950, o planalto Central brasileiro, onde está sendo construída uma grande cidade. Afivelado junto à estreita janela, um Menino observa a paisagem que se distende horizontalmente plana, reduzindo a traços de mapa toda a diversidade natural, que se move abaixo: o relevo, os rios, a flora, a fauna e toda a vida aí encerrada. (...)

Lá em baixo, o leitor saberá depois, entre projetos e em uma ambiência um tanto aérea, está sendo construída a cidade que promete ser, num ufanismo bem à brasileira, a “mais levantada do mundo”, Brasília. Vista assim, a cidade a ser erguida, presente nos sonhos de estadistas, traduzia-se nos traços dos urbanistas e arquitetos. Não teria ainda sua verticalidade sonhada e se espacializaria no plano de projeto. E o olhar de Menino, lançado do alto, sob a alta velocidade a turvar a definição vertical das formas, talvez seja uma resposta irônica de Guimarães Rosa, em “As Margens da alegria” e em “Os cimos”, contos de Primeiras estórias, à construção da nova capital brasileira – a cidade “mais levantada no mundo”, que ele não nomeia. (Idem, 2002:81)

Coadunando com os críticos ora mencionados, o que se pretende, então, é partir das análises de conteúdo, de efeitos de sentido, para explicitar os processos de discursivização, ou seja, os mecanismos léxico-sintático-discursivos que compõem/integram as “vozes” presentes nos contos, causando um efeito polifônico, de “coro”, traço marcante do texto rosiano.

Optou-se, ainda, por analisar os contos “As margens da alegria” e “Os “cimos”, em uma perspectiva de construção e articulação de vozes, por acreditar que, se a Crítica Literária se tem debruçado sobre esses dois contos como acabamos de ver, talvez faça falta a teoria linguística para perceber de que estratégias se valeu a sua construção em prol dos efeitos de sentido que se pretendem evidenciar.

Pretende-se agora, elencando os mecanismos sintático-discursivos de contraposição/integração de “vozes” que funcionam no processo de discursivização de tais contos, tentar dar conta do processo responsável pelos efeitos de sentido que pretendem fazer circular.

“As margens da alegria”

Nesse conto procurou-se identificar através da constituição de instâncias de enunciação¹, tomadas como espaços referenciais constituintes/constitutivas do processamento discursivo, e em outros tipos de espaços referenciais constituídos no interior de tais instâncias, efeitos de sentido que se integram formando uma “rede polifônica”.

Valeu-se para tanto de uma leitura criteriosa em que foi evidenciada a articulação e integração de vários discursos como o histórico, o filosófico, o psicanalítico e o mítico, hierarquicamente organizados, tecidos e indiciados no conto. Refiro-me a cada um destes discursos, ou a dimensões deles, utilizando-me do termo/expressão “voz”.

¹ INSTÂNCIAS DE ENUNCIÇÃO - Na perspectiva teórica adotada neste trabalho, as Instâncias de Enunciação são constructos cognitivos responsáveis pela referenciação da relação enunciadador/referência/enunciário, que constitui o espaço dialógico em que se situam enunciadador e enunciário num determinado tempo/lugar discursivos.

Na voz do discurso histórico encontramos um Menino que viaja a um lugar onde será construída a “grande cidade”. Toda a narração dessa viagem se faz emparelhada à construção de Brasília.

Na voz do discurso filosófico percebe-se que o Menino estando em fase hieroglífica se depara com perdas e ganhos, transcendendo-se ao vislumbrar um “vagalume” que representa para si um luz no “fim do túnel”, uma esperança.

Na voz do discurso psicanalítico fica-nos evidenciado os momentos de conflito e ansiedade que o Menino, estando em fase hieroglífica, se depara. O fato de estar longe da mãe causa-lhe medo, representando para si, a própria castração.

Há ainda o discurso mítico que representa os mitos populares, tornando-se uma voz de todos e de ninguém ao mesmo tempo.

Organizamos portanto, até agora, uma leitura pluridimensional em que vimos a estória de um Menino representando a história da construção da “grande cidade” e ao mesmo tempo, emparelhada a essa estória, está a sua própria vida: um Menino que se encontra em constante conflito, construindo-se portanto, emocionalmente.

Foi possível perceber também que todas as vozes articuladas no conto funcionam simétrica e especularmente com relação às outras: instituem-se e integram-se na perspectiva do Menino/narrador, funcionando recursivamente entre si e constituindo um domínio referencial integrado que proporciona/exige uma leitura pluridimensionalmente construída.

“Os cimos”

Observou-se que há várias recorrências que se repetem nesse conto e que integram o processo de produção do primeiro, constituindo um quadro, em que diferenças e similaridades se referenciam² num espaço discursivo pluridimensional.

Enquanto em “As margens da alegria” há predominância de ações, eventos e situações de um Menino/narrador, em “Os cimos” aparece esse mesmo Menino, porém, o que se destaca são seus sentimentos, estados e/ou processos interiores, de natureza predominantemente psicológica.

O conto continua sendo narrado na perspectiva do Menino. Veja-se que lexicalizações do tipo, “de modo”, “Na casa que não mudara”, “Outra era a vez”, o adjetivo “belo”, o “Tio” com inicial maiúscula e “O dia”, reiteram espaços que já foram articulados no primeiro conto.

A visão cromática também fora um recurso utilizado, a fim de reafirmar a óptica do Menino, como em “As margens da alegria”: “E: - “pst”- apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro – depois de seu vôo.” (p.155) e “... A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, aluz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio.” (p.156).

Na mesma perspectiva do Menino, vimos surgir também o discurso infantil, na medida em que se paradigmática ao “bonequinho macaquinho”, o conto de fadas, Chapeuzinho Vermelho.

Verbos também serviram de indicações comprobatórias para indiciar as emoções e sentimentos do Menino. Foi o caso de, por exemplo, “sabia, achava, querer, suportar, atentar, olhar, temer, pensar, traspasar”. No primeiro conto, “As margens da alegria”, diferentemente desses, estavam todos na perspectiva do ‘ver’, por isso, o leitor era remetido às ações do Menino.

² A referência de um texto é construída levando-se em conta o âmbito de cada instância de enunciação, na constiuição de um “jogo” de imagens e representações. Operando no sistema semântico, as informações ativadas no nível lexical articulam-se sintaticamente para compor um texto. Tudo isso ativado por operações no sistema discursivo.

A fim de reiterar ainda mais esse entrelaçamento, essa integração de vozes, Rosa lançou mão de uma citação que ele usara em o Grande Sertão: Veredas: “*a Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada*”. Ao fazer isso, colocou-se em cena todo um discurso psicanalítico, que subjaz ao comportamento do Menino e à “gramática” do autor.

Ainda em relação ao discurso psicanalítico, vê-se que o “bonequinho macaquinho” serve de objeto transicional para o Menino, pois ele receia perder a mãe, que ficara doente. Há também o medo da castração, uma vez que, temendo o ciúme do pai, acredita que o mesmo, simbolicamente, possa castrá-lo, tal como mataram o “peru”.

Essa questão sexual também fora reforçada pelo fato de o Menino ter consigo um “bonequinho macaquinho” de chapéu vermelho. Além de referir-se aos contos de fadas, como já foi mencionado, há também a concepção da cor vermelha. Veja-se que a mesma pode ser lida como mistério de vida, instituidora da libido ou até como relação de morte.

Na última parte do conto, surge novamente essa voz, ao insinuar que o Menino estava saindo da relação dual que estabelecera com a mãe: “*desenglobar-se de repente de uma nebulosa*”. (p. 159)

O “tucano” fora utilizado como marcador de tempo. Ao dizer que a ave vinha sempre, de manhã, no mesmo horário, Rosa estabelece uma analogia como o galo que canta sempre de madrugada.

Há o domínio mítico que estabelece pontos de vista ora do narrador, ora da comunidade e do próprio Menino. Na medida em que são feitos questionamentos do tipo, “*alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?*” (p. 152), “*Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhação de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas.*” (p. 154), e também a expressão “*dita causa*” (p.154), coloca-se em cena essa voz que referencia um pressentimento, uma angústia, ora sentida por eles, na voz do Menino.

Um outro ponto que também foi abordado, trata-se do fato de o telegrama vir com a notícia de que a mãe sarara somente no quarto dia. Um dia depois do terceiro. A representação do número três nos remete a dois espaços instanciados, diferentemente. O primeiro à terceira

margem (A terceira margem do rio) e o outro a tríade edipiana (mãe, filho, pai). Em ambos o sentimento de angústia está presente, por isso a notícia de que a Mãe sarara só pudera ser veiculada no quarto dia, após tamanha ansiedade.

O termo “desmedido” também teve uma carga conotativa muito grande, pois significa algo exagerado, imenso, enorme e nos remete diretamente a palavra “alegria” do primeiro conto – “As margens da alegria” – que também contém essa idéia de deslumbramento, transbordamento.

O discurso indireto também é utilizado como recurso instituidor de referenciação. No trecho: “*Mas, então, o moço ajudante de piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: - “Espia, o que foi que eu achei, para você”- e era, desamarrotado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que le, outro dia, tanto tinha jogado fora!*”. (p. 159) e também no final do conto: “*O Tio avisara que chegaram e o Menino não queria acreditar, apenas sorria: “- Chegamos, afinal!” – o Tio falou. _ “Ah, não. Ainda não.” – respondeu o Menino. Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.*”(p.160). Esse processo se dá à medida que se coloca em cena a voz do ajudante do piloto, articulando-a, concomitantemente, à voz do Menino e do narrador. Ao instituir-se como “voz”, institui-se, configura-se, dizendo de si, constituindo-se como sujeito de sua fala.

Por último, viu-se retomado, como em “As margens da alegria”, o discurso histórico; aquele em que se referenciou a construção da “grande cidade”. As lexicalizações “estradas novas”, o “raiar na planície achada do campo”, “dias quadriculados”, e o fato de terem homens trabalhando, nos remeteram diretamente à construção de Brasília. Observa-se, portanto, neste conto, que várias vozes funcionam simétrica e especularmente com relação ao primeiro, produzindo-se um espaço referencial (discursivo) pluridimensionalmente integrado.

“As margens da alegria” e “Os cimos” – Uma visão especular dos espaços discursivos

A partir de agora procurar-se-á estabelecer uma análise dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, partindo de uma teoria que concebe a linguagem como atividade discursiva, asseverando-lhe o *status* de um sistema composto por subsistemas: os módulos discursivo, gramatical, lexical e semântico, na visão da Teoria Modular de Castilho (1998). Às

operações constituintes/constitutivas de cada um destes módulos denominamos, respectivamente, operações de Discursivização, Gramaticalização, Lexicalização, Semantização.

Em função da especificação do objeto de estudo da pesquisa, procurarei explicitar minha maneira de ver a construção e articulação de instâncias de enunciação através da criação e articulação de vozes na implementação do processamento discursivo.

Para isso, explicitarei o que entendo por enunciação, focalizando sua implementação nas operações de discursivização, na construção e articulação de instâncias de enunciação: uma rede polifônica instituída por vozes ora filosóficas, históricas, psicanalíticas e míticas, articuladas no âmbito de diferentes instâncias enunciativas, hierarquicamente organizadas e indiciadas nos contos.

Ao identificar tais vozes, verifico que elas funcionam simétrica e especularmente entre si e/ou também, recursivamente.

Nos contos rosianos em geral e, particularmente, nos dois, objetos desta pesquisa, esse processo é bastante notório, a começar pelo título. O autor prefere esconder a “explicação dos títulos (partes e subtítulos) ou apenas sugeri-la, fornecê-la aos poucos, ou ainda antecipá-la de maneira insólita: *“Gosta ainda de insinuar apenas uma das explanações possíveis, admitindo a plausibilidade de outras. Em qualquer destes casos, o leitor é forçado a abandonar a sua inércia, tornando-se colaborador”*. (Rónai, 1966: 39)

Esse processo se dá pela tentativa do autor de fazer que o leitor penetre o mundo e não simplesmente ultrapasse-o. Rosa trabalha o mundo por dentro, por isso conta com uma relação de cumplicidade do leitor, quebrando toda e qualquer linearidade prevista em outros textos.

Os contos que abrem e fecham “Primeiras Estórias” começam e terminam, ambos, com uma viagem, pelo mesmo veículo e com o mesmo destino.

Veja-se, por exemplo, que o espaço referenciado e o ponto de vista sob que é construído, o conto “As margens da alegria”, nas três primeiras partes, já se distinguem: no primeiro, não numerado, a vista de cima, a perspectiva de uma viagem de avião; no II, o ambiente, a morada na “grande cidade”, o que o menino “vê”/“avista”, “satisfaz os olhos...”, não mais do alto; no III, a viagem de jeep, em que a perspectiva de observação do menino, o ponto de vista dele, se contrapõe à do avião, na IV, há a partida com a “visão” de um peru, e a chegada com a

“constatação” de outro e na V, um remorso instaurado e a visão de uma “luzinha verde”, fazendo ressurgir a “Alegria”.

No caso de “Os cimos” o processo se repete. Na primeira parte, “O inverso afastamento” a vista de cima, a viagem de avião: desolação pela doença da Mãe. Na Segunda parte, “Aparecimento do pássaro”, o ambiente e a volta à “grande cidade”. O Menino “vê” um “tucano”, não mais do alto. Na terceira, “O trabalho do pássaro”, encantamento pela ave e aparente diminuição da tristeza: sentimentos contrapostos àquele do avião. Na Quarta parte, “O desmedido Momento”, o ressurgimento da Alegria pela “cura” da mãe e a perspectiva de um novo “eu”.

Toda a estória, portanto, baseia-se em um jogo de especularidades: especularidade no interior do conto, entre espaços, constituídos por instâncias de enunciação, ou no interior delas, por modalidades de referenciação através das quais, especularmente, se instituem pontos de vista, perspectivas, que se contrapõem, se complementam, se integram convidando a uma leitura pluridimensional. Especularidades que sustentam o espelhamento entre “especializações” do tipo: viagem de avião/viagem na terra; paisagens vista do avião(de cima)/paisagens vistas na terra; avião/plano piloto; visão da casa/ visão do canteiro de obras; percepções que demonstram alegria/percepções que denotam tristeza; percepções da presença/ausência de perus; da alegria-tristeza/tristeza-alegria; tudo isso feito na integração de espaços, referenciando uma realidade discursivamente complexa³. Veja-se que num plano-macro temos de um lado um menino que descobre as novidades da vida e emparelhada à estória dele temos a construção de Brasília: possíveis alegrias, dúvidas e incertezas do Menino em relação a si mesmo, trazendo consigo o mesmo em relação à “grande cidade”.

No plano micro, todos os pares evidenciados acima, criando espaços de referenciação que se integram e se articulam entre si e também ao espaço referencial do plano-macro.

³ “Todos concordamos, primeiro, em que a linguagem *constrói* o mundo, não o “representa”. Concordamos em que não é possível representar o mundo tal como é com anterioridade à representação, porque a linguagem tem um efetivo aspecto formativo. Dizer como algo se chama não é simplesmente nomeá-lo ou falar sobre isso é, num sentido muito real, *convocá-lo* a ser como foi nomeado.” (Pearce, W. Barnett. “Novos Modelos e Metáforas Comunicacionais: a passagem da teoria à prática, do objetivismo ao construcionismo social e da representação à reflexividade”. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.), *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996:pg. 176.

A idéia de que a articulação de duas, ou mais “vozes”, duas ou mais instâncias, cria um terceiro domínio integrado, no qual o conjunto dos enunciados são interpretados, foi quem motivou todo o meu estudo.

Temos em ambos os contos, portanto, a estória de um Menino que põe em cena dois espaços-macro: a estória da história - construção da “grande cidade” e a estória do Menino - construção individual, emocional do próprio “eu”.

Ao por em cena esses espaços-macro, institui-se uma conexão (link) com outros espaços referenciados/instâncias de enunciação*, criando e articulando uma espécie de rede que segue uma cadeia hierárquica.

Cada enunciação forma um plano; o plano base é o plano não-encaixado, o plano mais alto. Esse processo resulta no que Roulet (apud Lopes: 134) considera como propriedade do módulo hierárquico. Segundo a autora, o módulo hierárquico não opera sobre o módulo discursivo, pois é justamente a “*discursivização, por intermédio de operações no módulo gramatical, que produz a estrutura hierárquica dos “constituintes”*”. E, numa visão segundo a qual todo o processo de semantização se institui, via lexicalizações, através de operações nos dois módulos, gramatical e semântico, concebemos que é a *recursividade*, no módulo gramatical e semântico, que produz a integração hierárquica de espaços referenciais: à articulação/integração hierárquica das instâncias enunciativas no módulo gramatical corresponde uma articulação/integração de espaços referenciais no módulo semântico.

Observe-se, por exemplo, o início do conto “As margens da alegria”:

“Esta é a estória. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz, para ele, produzia-se em caso de sonho (...)”.
(p. 07)

Toda a estória é situada através do aqui/agora da enunciação, através do pronome ‘Esta’. O substantivo ‘estória’ semantiza uma relação dialógica enunciador/referência/enunciatário no processamento discursivo, instaurando uma segunda instância de enunciação; uma instância que situa todo o conto como uma “estória” relatada numa interlocução entre interlocutores não explicitados, referenciados no texto num outro tempo e espaço discursivos.

Há, contudo, um esquema de implementação de instâncias enunciativas que apresenta regularidades que possibilitam as mudanças de um plano para outro de forma que parece que um

texto está espelhado no outro. Isso se dá uma vez que os processos de gramaticalização e de semantização possibilitam os efeitos de sentido através de temas e de tempos/espacos dentro de cada instância. O leitor passa a ler em planos constituídos quer por em instâncias de enunciação, quer por outros espaços discursivos instituídos em seu interior.

Esses espaços referenciadores/referenciados aparecem de maneiras distintas nos contos em questão:

1. O título funciona como um tópico (um macro-tópico) em relação ao texto (os comentários). Todo o conto se interpreta no espaço instituído pelo título.
2. Há lexicalizações que instituem espaços distintos no conto, possibilitando o aparecimento de outras vozes que funcionam de maneira recursiva:

2.1. É o caso, por exemplo, do substantivo “viagem” que instancia um espaço recorrente em todos os dois contos. Trata-se de uma viagem como deslocamento físico e um transcurso pessoal, a busca da própria existência.

2.2. A passagem da lexicalização de um nome comum, denotador de uma classe, para a lexicalização de um nome próprio, denotador de um indivíduo, também aparece como instanciando um novo espaço discursivo.

2.3. O processo de referência do lugar ao qual se dirige o Menino – “a grande cidade” põe em cena a voz de um discurso histórico: a construção de Brasília. Dentro desse mesmo espaço, outras lexicalizações aparecem referenciando-o de maneira recursiva. É o caso de “inventor”, “sonho”, “planos, esferas, retas e curvas”, “mapa, ponto, chão-plano, visão cartográfica”, “Companhia”, “plano-piloto”, “sítio do Ipê”, “cilindros, caçambas, compressoras, betumadoras”, a destruição das árvores (no conto “As margens da Alegria”) e “dias quadriculados” (no caso de “Os cimos”), comprovando a existência de um “mundo maquinal”.

2.4. O discurso psicanalítico também é colocado em cena na voz do Menino/narrador. Por estar em “fase hieroglífica” encontra-se voltado para si mesmo. Vários são os indícios textuais que corroboram para a veracidade dessa afirmação. Um primeiro aspecto seria o corte da árvore (no primeiro conto), representando o destino e o questionamento existencial do Menino.

A idéia de castração aparece veementemente nos dois contos. No caso de “As margens da alegria” a viagem sem a presença da mãe, coloca em cena uma voz que confere à mãe o papel de

castradora. No caso de “Os cimos” o medo da perda da mãe, representando o corte definitivo do laço materno.

2.5. Os verbos que denotam percepção (vislumbrar, respirar, satisfazer) são todos lidos na pauta do “ver”; ou seja, sob a ótica do Menino/narrador, portanto, na visão de uma criança que descobre o “mundo maquinal” e a si mesma. No caso de “Os cimos” o processo se repete: “querer, suportar, atentar, olhar, temer e pensar”.

2.6. A sinestesia também confirma o processo perceptivo do Menino, quando corresponde a uma detalhada construção de cores: “velame-branco”, “cobra-verde”, “flores em pompa arroxeadas” (em “As margens da alegria) e “bonequinho macaquinho de calças pardas, chapéu vermelho, alta pluma”, “bela gravata verde”, “azul, amarelo, vermelhos” (em “Os cimos).

2.7. O adjetivo “belo” é usado nos dois contos. No caso do primeiro o Menino o utiliza para demonstrar sua admiração pelo “peru”. No segundo conto, refere-se ao “tucano”. Veja-se que tal fato reafirma a idéia de que em ambos os contos é a percepção do Menino que é evidenciada, e esse espaço instanciado vai sendo corroborado com a descrição pormenorizada das sensações e das cores que o Menino evidencia.

Um outro aspecto merece destaque: é o caso de o espaço-macro indiciado em “As margens da alegria” – “ESTA É A ESTÓRIA.” poder ser lido dessa maneira, em se tratando da leitura individual desse conto, ou na pauta da introdução do conto “Os cimos”: “OUTRA ERA A VEZ.” Ao se realizar esse tipo de leitura mostramos que a integração de espaços referenciais constitui uma operação básica do processo de discursivização subjacente à arquitetura, à configuração dos contos.

Dessa forma, pode-se afirmar que todas as lexicalizações evidenciadas nos contos, as repetições, as vozes que emergiram, contribuem para o leitor não destecer o texto, pois apesar de fazermos um recorte em somente dois contos, há uma leitura geral, pluridimensional que torna a recursividade uma propriedade intrínseca da linguagem.

Na leitura dos dois contos aqui proposta, vali-me, de maneira às vezes implícita, outras vezes mais explícitas, de mecanismos sintático-discursivos constituintes de um modelo de processamento textual construído a partir de uma posição teórica que concebe a linguagem como sendo, por natureza, dialógica, polifônica e, portanto, hipertextual. Na medida em que tal tipo de leitura se justifica, podemos afirmar que:

- a mente humana opera, discursivamente, de forma hipertextual ou hiper-espacial;
- o princípio fundamental do processamento discursivo (produção/recepção de todo e qualquer texto/enunciado) é a criação e articulação de Domínios Referenciais constituídos por Instâncias de Enunciação, ou por subdomínios referenciais instituídos no seu interior;
- a criação de Domínios de Referência de qualquer tipo pressupõe três operações cognitivas básicas, postuladas por Fauconnier e Turner (2002): a Identificação, a Integração e a Imaginação;
- as três operações básicas de que tratam Fauconnier e Turner são responsáveis pela implementação dos sub-processos constitutivos do processo de Discursivização: a lexicalização, a gramaticalização e a semantização, respectivamente;
- todo e qualquer texto/enunciado, necessariamente indiciador do fenômeno da hipertextualidade deve ser compreendido em termos do processo de Discursivização e de seus simultâneos sub-processos;

Conclusão

É possível ler as diferentes produções literárias de maneiras diversas e de acordo com objetivos específicos e individuais. É isso o que todo leitor realiza ao se aproximar das obras de João Guimarães Rosa. Nós reconhecemos, nessas diversas formas de leitura, a natureza múltipla que a coletânea de contos adquire.

Os contos “As margens da alegria” e “Os cimos” abrem e fecham, respectivamente, a obra – Primeiras Estórias. Neles há uma multiplicidade de formas eruditas e populares, em que Rosa apropria-se para narrar, sempre de maneira original, moderna e atual, a estória de um Menino que realiza duas viagens: uma interior e outra em local aonde se construía a “grande cidade”. Nesse ambiente de constantes mudanças vimos emergir vozes históricas, psicanalíticas, filosóficas e míticas que se integram à voz do Menino, tornando-se ao mesmo tempo dele e do narrador.

Procurou-se integrar às análises de efeito de sentido, um modelo de processamento discursivo que evidenciasse os mecanismos lingüísticos envolvidos no processo de mesclagem de

vozes. Ou seja, de polifonia discursiva. Para isso, valemo-nos da Teoria de Espaços Mentais, de Fauconnier & Turner (2002), que considera as operações cognitivas envolvidas na implementação da discursivização como sendo de Identificação, Integração e Imaginação.

Evidenciou-se que essas operações cognitivas se instanciam nos dois contos, de tal modo que o processo de produção de sentido do segundo, integra o do primeiro, constituindo um quadro, uma figuração, em que diferenças e similaridades se referenciam num espaço discursivo bidimensional ou pluridimensional.

Dessa forma, cheguei ao final desse percurso no qual empreendi uma leitura direcionada para análise e exploração dos índices da materialidade dos enunciados e as operações de sua produção, que possibilitaram uma leitura integrada(pluridimensional) dos dois contos.

Acredito poder afirmar que o processamento de leitura não é linear; a mente opera pluridimensionalmente, por isso a leitura do conto “Os cimos” implica a releitura do primeiro conto “As margens da alegria” , na construção de uma leitura terceira (integrada): a leitura do primeiro conto e a leitura do segundo funcionam como *inputs* para uma terceira leitura, a dos dois contos.

Entendo que contribuí, ainda que timidamente e em parcas proporções, para o esclarecimento de alguns pontos que permeiam as operações cognitivas da linguagem e cremos poder assumir que a intertextualidade, a interdiscursividade seriam fenômenos que poderiam ser compreendidos em termos da sigmatização de Domínios de Referência, da implementação de hipertextos discursivos.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA Jr., Benjamim. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**. São Paulo: SENAC, 2002. P. 81-101.

AMARAL, Roberto; BONAVIDES, Paulo. **Inauguração de Brasília. Discursos de Juscelino Kubitschek**. In: Textos Políticos da História do Brasil. V.7. Disponível em: <http://www.diamantina.com.br/jk/discursojk.html>. Acesso em 20 Jan. 2002.

BAKHTIN, (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira), São Paulo, Hucitec: 1995.

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BANDEIRA, Manuel. **Belo belo**. Disponível em :
<http://www.osmaiorespoetas.hpg.ig.com.br/bandeira/mb10.html>. Acesso em: 05 Maio 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et. Ali. Campinas, SP: Pontes – Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- BRENNER, Charles. **Noções Básicas de Psicanálise**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- CALDAS, Aulete. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Para uma sintaxe da Repetição – Língua falada e gramaticalização**. FAC. Filof. Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 1997 (mimeo).
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A Língua Falada no Ensino de Português**. São Paulo: contexto, 1998.
- CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no Processo de Referenciação**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. (Dissertação de Mestrado)
- CHEVALIER, Jean; CHEEBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução por Vera da Costa Silva, 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CHOMSKY, Noam. **O Conhecimento da Língua, sua natureza, origem e uso**. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves, Lisboa, Caminho, 1994.
- COUTINHO, Eduardo (org.) **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica (6). Rio de Janeiro; Civilização Brasileira. 1991. P. 500-19.
- DELTA LAROUSSE. **Grande Enciclopédia**. Rio de Janeiro: Delta, 1971, 15v. p. 1083-84.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge university Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles, SWEETSER, Eve. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. In: **Spaces worlds and grammar**. Chicago: U. Chicago Press: 1996, p. 1-28.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles. Pragmatic and Cognitive Linguistics. **Apostila**, 1998. (mimeo)

- FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. **The Way We Think**. Conceptual Blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. **O Menino em Primeiras Estórias**. Viçosa: Leituran 6, 1962. 64-82. Separata de: GIÁUKS. 1996.
- IRMEN, Friedrich. **Dicionário: Langenscheids Taschen Wörter Buch**. Berlin:ed. Langenscheid KG, 1968.
- LOPES, Maria Ângela Paulino Teixeira. **O Processamento Dêitico na Construção da Polifonia**. Belo Horizonte: PUC Minas, 1998. (Dissertação de Mestrado)
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.
- OLINTO, Antônio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2000.
- PEARCE, W. Barnett. "Novos Modelos e Metáforas Comunicacionais: a passagem da teoria à prática, do objetivismo ao construcionismo social e da representação à reflexividade". In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.), **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996: 176.
- RONÁI, Paulo. Os Vastos espaços. In: ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1972.
- ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- WISNIK, José Miguel. **Recado da Viagem**. SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 160-170, 2º. Sem. 1998. Edição Especial Guimarães Rosa.